

A FIGURAÇÃO DA IDENTIDADE LATINO-AMERICANA EM CEM ANOS DE SOLIDÃO.

THE FIGURATION OF LATIN AMERICAN IDENTITY IN ONE HUNDRED YEARS OF SOLITUDE.

Hidemi Soares Miyamoto¹

RESUMO: O presente artigo tem objetivo realizar uma análise da obra máxima do escritor colombiano Gabriel Garcia Márquez, *Cem Anos de Solidão*. Dada a extrema complexidade da obra e devido aos diferentes temas abordados pelo autor decidimos realizar um recorte para fins de análise. Dessa forma, nosso objetivo foi o de tentar compreender a forma como o romancista representou literariamente questões atinentes a construção da identidade latino-americana. Do ponto de vista metodológico lançamos mão do método dialético, pois o mesmo nos possibilita entendermos a relação reciprocamente mediada entre o sujeito criador da obra e o mundo empírico ao qual ele se encontra inserido tendo como síntese dessa relação a própria obra de arte. Como resultado dessa análise pudemos compreender que a *solidão* presente no título da obra relaciona-se profundamente com o sentido da identidade representada pelo romancista, não tendo, dessa forma, um sentido negativo.

PALAVRAS-CHAVE: Sociologia da literatura; Romance; Realismo Mágico.

ABSTRACT: *This article aims to carry out an analysis of the greatest work of the Colombian writer Gabriel Garcia Márquez, One Hundred Years of Solitude. Given the extreme complexity of the work and due to the different themes addressed by the author discussed, make a cut for analysis purposes. Thus, our objective was to try to understand how the novelist literally represented issues related to the construction of Latin American identity. From a methodological point of view, we use the dialectical method, as it allows us to understand the reciprocally mediated relationship between the subject who creates the work and the empirical world in which he is inserted, having the work of art as the scheme of this relationship. As a result of this analysis, we were able to understand that the solitude present in the title of the work is deeply related to the sense of identity represented by the novelist, thus not having a negative meaning.*

KEYWORDS: *Sociology of Literature; Novel; Magical Realism.*

¹ Doutorado em Ciência Política/Sociologia/Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGACS – UFBA). Atua como docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB.

INTRODUÇÃO

Temos como objetivo, neste artigo, analisar a representação da identidade latino-americana na obra *Cem Anos de Solidão* (2012) do escritor colombiano Gabriel Garcia Márquez. Nesse sentido, iremos realizar uma discussão sobre o caráter singular da América Latina que remota desde o período antigo, passando pelo período das grandes navegações e do colonialismo até desembocar nas discussões empreendidas pelos autores do chamado realismo mágico latino-americano e, por fim, nos dedicaremos a compreender a forma como reaparece e é representada essa discussão nessa obra específica de Gabriel Garcia Márquez, doravante Gabo.

O ponto de partida que utilizamos para realizar essa análise da obra de Gabo é justamente o próprio romance: esta afirmação parece ser óbvia mas em muitos casos não é. Pois, mediado pelo método dialético, entendemos que é através de uma acurada leitura imanente do texto buscando compreender a estrutura interna da obra, as particularidades do conteúdo e a relação entre estrutura/forma e conteúdo que poderemos acessar tais obras enquanto documentos privilegiados de um determinado momento histórico. Então, Antônio Candido (2010), esclarece esse ponto ao afirmar que há uma dupla determinação que fundamenta essa relação. Os elementos sociais tornam-se internos ao próprio romance e, por outro lado, a obra literária torna-se, ela mesma, um privilegiado documento histórico que permite um certo tipo de conhecimento da realidade social.

Para tanto, buscaremos, primeiramente, realizar uma discussão sobre esse processo de construção do ser latino-americano realizado por grupos sociais forâneos, especialmente pelos europeus, para somente depois adentrarmos em uma análise na qual os próprios sujeitos da América Latina passam a debater qual seria a especificidade desse continente.

Dessa maneira, basicamente a discussão sobre a identidade latino-americana nos marcos de nossa análise apresenta duas lógicas: em um primeiro momento há uma discussão sobre as diferenças sociais, culturais, econômicas empreendidas pelos europeus, numa espécie de construção identitária postíça, pois parte dos europeus definir a particularidade desse continente; e, num segundo momento, são os próprios latino-americanos que buscam construir e entender o que seria a singularidade desse continente. Em seu discurso em agradecimento ao recebimento do prêmio Nobel de Literatura em 1982, Gabo expõe essa discussão,

Pois se estas dificuldades nos deixam – nós, que somos da sua essência – atordoados, não é difícil entender que os talentos racionais deste lado do mundo, extasiados na contemplação de suas próprias culturas, tenham ficado sem um método válido para nos interpretar. É compreensível que insistam em nos medir com a mesma vara com que se medem, sem recordar que os estragos da vida não são iguais para todos, e que a busca da identidade própria é tão árdua e sangrenta para nós como foi para eles. A interpretação da nossa realidade a partir de esquemas alheios só contribui para tornar-nos cada vez mais desconhecidos, cada vez menos livres, cada vez mais solitários [...] (Gabo, 2012, pg.10).

Devemos salientar que devido à complexidade da obra analisada existem outros elementos importantes que se encontram nesse romance, tais como a possibilidade e importância da representação de gênero; a figuração das inúmeras guerras que marcaram a história da Colômbia; e a luta secular entre os partidos conservadores e os liberais. Desse modo, a discussão sobre a identidade latino-americana é um dos elementos que constituem essa obra literária tão complexa e multifacetária.

1. Percurso histórico e ideológico da construção da identidade latino-americana.

As questões atinentes às particularidades da identidade latino-americana remontam ao período histórico anterior ao nascimento de Cristo. Nesse sentido, Chiampi (1980), argumenta que antes mesmo da invasão e da descoberta da América Latina alguns povos antigos já especulavam sobre essa parte do mundo, ou seja, antes de ter sua existência histórica a América já era especulada como uma terra marcada pela maravilha, por uma atmosfera mágica. Chiampi (1980, p. 99), assim descreve,

Reyes refere-se às remotas fantasias sobre terras ocidentais que percorrem documentos egípcios de 3000 anos a.C., a Atlântida de Platão, a imaginação dos estóicos gregos, a *Medéia* de Sêneca, as lendas medievais de remotas ilhas, as profecias de Ramón Lull, e que atravessam os poemas renascentistas

para chegar às mãos de Cristóvão Colombo pelas páginas da *Imago Mundi*[...] (Chiampi, 1980, pg.99).

A importância dessa discussão relaciona-se ao fato de que, segundo a autora, todo esse discurso americanista influenciou diretamente a tradição literária do *realismo mágico*. Dessa forma, salienta-se que na interpretação de Chiampi mais do que uma simples expressão romanesca ela se encontra inserida em uma longa tradição na qual a questão da identidade latino-americana é central. A autora assim nos esclarece sobre essa linha de continuidade entre o discurso americanista e essa peculiar forma romanesca,

A importância desse discurso para os estudos literários se observa pelo modo como a investigação americanista, desbordando o âmbito da ensaística, refluíu para a série literária-poética, e como muitas vezes com ela se confundiu. É, sobretudo, desde o primeiro quarto de século, quando essa investigação ganha notável impulso – e depois de uma longa operação de trânsito e acumulação de ideias, que teve de superar as dificuldades de comunicação entre os intelectuais, ora as das formas alienantes dos colonialismos – que se pode apreciar melhor como a literatura hispano-americana soube absorver as modulações e as próprias contradições dos ideologemas americanistas e resolvê-los poeticamente sob a forma romanesca (Chiampi, pgs. 96-97).

Porém, segundo a autora, será somente com o processo de colonização da América Latina que esse discurso sobre o caráter particular desse continente se torna sistemático. A construção de uma identidade latino-americana que se desenvolve nesse período histórico das grandes navegações se particulariza por seu caráter eufórico e vai do Descobrimento até o final do século XVIII. Nesse sentido, as primeiras interpretações sobre o ser latino-americano eram marcadas por termos semânticos como “encantamento”, “maravilha”, “não sei contar” e outros termos que significam o espanto que essa terra causava nos primeiros colonizadores.

Então, para suprir esse espaço na própria linguagem dos conquistadores, as primeiras formas narrativas que buscavam explicar a realidade desse continente eram marcadas pela utilização de elementos oriundos de sociedades pretéritas, como as gregas e as latinas, às lendas da

Idade Média e às narrações bíblicas. Por conseguinte, Chiampi (1980) afirma a centralidade e a importância da utilização de termos linguísticos como a reticência, a hipérbole, a metáfora, dentre outros. Portanto, as próprias estruturas linguísticas do castelhano e do português de Portugal eram insuficientes para descrever tanto o universo da fauna e da flora como os das relações sociais existentes. Desse modo, não houve somente um choque entre as culturas dos conquistadores e dos conquistados, mas também houve um processo de estranhamento da própria natureza mostrando, por sua vez, uma limitação linguística em nomear os elementos naturais desse continente. Sobre essas reverberações no campo da linguagem Schumacher (2012) argumenta,

O problema é que requer uma linguagem familiar para descrever o que é alheio. Tendo em vista a experiência americana, os relatores encontram espécies que, apesar de possuírem características semelhantes às espécies conhecidas e, portanto, convidarem a ser descritas com as categorias existentes, não podem ser adequadamente descritas, pois a semelhança parece ser mais acidental do que essencial e portanto, é mais enganador do que preciso. Gerbi descreve este problema nestes termos: "Oviedo conhece" uma fruta que chamamos bananas aqui, mas na verdade elas não são"; e outro 'fruta que eles chamam de medlars, sem ser'; e árvores chamadas 'marmelos, embora não sejam'; e 'pássaros que chamam os faisões christianos, mas eles não são' [...] (Schumacher, p. 156, 2012 – tradução nossa).²

A construção de uma identidade mágica na América Latina pode também ser explicada, do ponto de vista da linguagem, dessa relação estranhada que os europeus encontraram na natureza desse continente. Chiampi (1980), também aponta nesse sentido,

² No original; "El problema consiste en que se requiere de un lenguaje familiar para describir lo que es ajeno. Ante la experiencia americana, los relatores encuentran especies que, si bien tienen rasgos similares a las especies conocidas y, por lo tanto, invitan a ser descritas con las categorías existentes, no pueden ser descritas adecuadamente porque la semejanza parece ser más accidental que esencial y, por lo tanto, es más engañosa que certera. Gerbi describe esta problemática en estos términos: "Oviedo conoce 'una fructa que acá llamamos plátanos, pero en la verdad *no lo son*'; y otra 'fructa que llaman nísperos, *sin lo ser*'; y árboles llamados 'membrillos, *aunque no lo son*'; y 'aves que llaman los christianos faysanes, *pero no lo son*' [...]" (Schumacher, 2012, pg. 156).

Nomear a realidade como maravilha veio ser a solução (para bem ou para mal) para a tarefa contingente de sistematizar, de dar forma ao conjunto plural e informe de conteúdos do mundo recém-ingressado na História. Diz com acerto Edmundo O’Gorman que a América não foi descoberta, mas *inventada*. O longo processo que começa com o problema de resolver o ser geográfico das novas terras e culmina com a necessidade de inventar-lhe um ser histórico, tem na concepção do maravilhoso americana uma imagem poética fundadora, um primeiro atributo, capaz de preencher o vazio original e de iniciar a construção de um ente diferenciado da Europa. (Chiampi, 1980, pg.101).

Dessa maneira, o termo “maravilha” foi fartamente utilizado pelos colonizadores europeus, especialmente em relação aos espanhóis, para tentar sistematizar o mundo novo, esse universo social e natural que havia sido “recém-ingressado na História” (CHIAMPI, 1980). Portanto, como consequência da necessidade de explicar esse novo continente tanto do ponto de vista geográfico como histórico, assentou-se essa dimensão do maravilhoso pois era o termo que possibilitava uma sistematização dessa realidade tão distinta da realidade europeia. Então, segundo a autora, essa natureza eufórica caracterizou ou inaugurou o discurso americanista.

Os primeiros discursos americanistas passam a identificar o continente latino-americano como um espaço no qual se caracterizava como sendo um paraíso terreno na Terra, um lugar que estaria livre das determinações das leis físicas, elemento esse que será bastante explorado esteticamente na obra *Cem Anos de Solidão*. De outro lado, como consequência dessa visão idílica desse continente, os conquistadores também vislumbravam a América Latina como um espaço livre dos vícios, das desordens e de tudo que fosse negativo e que se encontravam presentes no desenvolvimento histórico da Europa. Nesse sentido, a América Latina seria o espaço para que se efetivasse uma espécie de reformulação do Ocidente. A autora nos esclarece,

A força do estímulo que a América oferece a essa aventura individualista e moral pode ser bem medida pela concretização dos ideais utópicos empreendidos por Vasco de Quiroga no México do século XVI. Inspirado na

Utopia de Thomas Moore e crente na possibilidade de reproduzir na sociedade humana a harmonia divina, o bispo de Michoacán ensaia uma extraordinária organização comunal nas aldeias indígenas. As suas “Ordenanzas” (1531-1565) contêm as normas do modelo de utopia social que pôs em prática durante trinta anos, mas que chegou até o século XVIII. Suas prescrições abrangem questões administrativas e de agrupamento familiar; de distribuição equitativa das colheitas e de proteção aos desvalidos; das diversões lícitas e de rechaço à escravidão; do intercâmbio de mercadorias e de abolição dos ofícios de luxo; do regime de trabalho feminino e do controle da produção agrícola (Chiampi, 1980, p. 102).

A importância desse discurso americanista, pelo menos na parte hispânica do continente latino-americano, adquire uma importância tão grande no desenvolvimento dessa parte do mundo que ele foi de fundamental importância na disputa ideológica que surge no século XVIII com as teses racistas europeias que sustentavam a superioridade dos europeus em relação aos latino-americanos. Com o advento dessas teses racistas a América Latina passa a ser compreendida como um espaço que se encontra apartado do resto do mundo e que o único caminho a ser seguido possível em direção a uma superação dessa condição seria pelo contato com os europeus. Nesse sentido, as palavras de Frei Servando, são simbólicas para se entender esse novo momento histórico,

Pauw, que parece ter escrito suas investigações americanas no círculo polar, de acordo com sua absoluta ignorância das coisas da América, e a sugestão de um espanhol escreveu contra os americanos (...), com uma pena tingida no sangue de canibais, disse que toda a América É um continente que acaba de sair das águas. Portanto, todos cheios de pântanos e lagoas fétidos e mortais, incapazes de amadurecer qualquer fruto e capazes de produzir juncos, répteis e espinhos; que de seus lagos corruptos uma casta de sapos chamada índios saltou, espécie média entre homens orangotangos e macacos. Estas são ilusões dignas de uma gaiola³ (SERVANDO apud Chiampi, 1980, p. 103).

³ No original: “Pauw, que parece escribió sus investigaciones americanas dentro del círculo polar, según su absoluta ignorancia de las cosas de América, y a sugestión de un español escribió contra los americanos (...), con una pluma teñida en

Dentro desse novo momento histórico no qual pululavam teorizações racistas na Europa em contraposição às primeiras imagens do que seria a América Latina, as posições de alguns clérigos católicos são importantes pois fornecem elementos que se contrapõem ao discurso racista e superior dos europeus.

Portanto, quando os primeiros movimentos de independência surgem na América Latina com um projeto de emancipação não só política como também cultural e social, eles se assentam nesse debate americanista precedente no qual havia uma união entre as qualidades inerentes da jovem América Latina junto com os ideais progressistas oriundos das revoluções burguesas europeias e dos E.U.A. Esses primeiros movimentos também se caracterizavam por uma crítica ao modelo de colonização espanhol, justamente por se afastar da visão de mundo preconizada pelas revoluções burguesas.

Porém, segundo a autora, esse otimismo que impregnava o discurso americanista sofre um revés pois aqueles modelos progressistas importados do Norte não produziram uma melhoria nas condições de vida na parte sul da América Latina. A justificativa utilizada para se compreender esse fracasso ia na direção da ainda persistente influência que o passado colonial espanhol impunha as suas antigas colônias. Essas contradições e nuances que marcaram às lutas de independência dos países latino-americanos encontram na figura de Simón Bolívar (1783-1830) talvez a mais simbólica forma como teria se efetivado essas lutas sociais. Nesse sentido, Chiampi (1980) nos esclarece sobre essas transformações no pensamento de Bolívar,

Essa constatação o levará a preconizar um regime de transição entre a antiga organização espanhola, centralista, e os ideais democráticos da Revolução, para “evitar las anarquias demagógicas o las tiranías monocráticas”. No *Discurso de Angostura* (1819) acentua-se o afastamento da ideia da democracia pura, rousseauiana, que vai desembocar da tese da presidência

sangre de caníbales, dijo que la América entera es un continente acabado de salir de las aguas. Por consiguiente, todo lleno de pantanos y lagunas hediondas y mortíferas, incapaz de madurar ninguna fruta y sólo capaz de producir juncos, réptiles y espinos; que de sus corrompidos estanques ha saltado una casta de ranas llamadas indios, especie media entre los hombres y monos orangutanes. Estos son delirios dignos de una jaula.”

vitalícia do Estado Federal Andino, no Congresso do Panamá (1826) e na ditadura da Gran Colombia, ao final dos 20 (Chiampi, 1980, p.108).

Entretanto, essa contradição entre o ser e o dever não desemboca em uma visão pessimista do futuro desse continente. O discurso de universalidade da cultura latino-americana, bem como, o ideal de solidariedade continental encontrará uma grande repercussão no discurso americanista e consegue adentrar século XX. Esse novo momento de desenvolvimento do discurso sobre o ser latino-americano tem um duplo fundamento: 1) a de superar a influência da tradição espanhola; e 2) na adoção de formas de desenvolvimento da Europa e dos E.U.A para que no curto prazo os países desses continentes adentrassem, finalmente, na modernidade. Nesse momento histórico torna-se dominante a influência dos E.U.A na América Latina.

Porém, esse processo de modernização da América Latina tendo como parâmetro o aparente sucesso dos E.U.A, não se produziu um resultado positivo tal como no vizinho do norte. Neste momento, o tortuoso caminho pelo qual se enveredou o discurso americanista desembocou na antinomia que contrapunha a *civilização* a *barbárie*. Dentro deste novo diapasão do discurso americanista haveria a convivência de dois tipos de civilizações na América Latina: uma medieval e bárbara que habita o campo e é legatária da colonização espanhola e das tradições indígenas; e a outra civilizada, moderna, cidadina e legatária de uma tradição europeia, porém sofrendo a influência dos ingleses e franceses e, também, dos E.U.A.

Desse modo, emerge nesse novo contexto histórico uma nova propositura que objetivava superar o atraso econômico, social e cultural da América Latina. Essa nova proposição se ancorava na importação das técnicas, das instituições, que se desenvolveram em parte da Europa e nos E.U.A. Dessa forma, seria possível superar o atraso endêmico desse continente através do desenvolvimento de uma cultura postiza que, por sua vez, iria gerar um modo de vida superior. A autora assim descreve esse movimento,

Desde que a relação entre a imagem apocalíptica da América bárbara e a admiração pelos esquemas progressistas, testados com êxito nos Estados Unidos – ditava a diretriz do processo intelectual decimonônico, a instalação do positivismo como filosofia oficial parecia a melhor solução para ingressar na vanguarda da civilização. Não cabe aqui repassar os resultados alcançados,

no terreno político-econômico, pelas ditaduras ou regimes liberais de corte positivista. No espaço do discurso americanista, cumpre indicar que o cientificismo da nova doutrina, aplicada tanto aos fenômenos físicos, quanto aos espirituais, morais e sociais, iria gerar um notável recrudescimento da imagem disfórica da América, na unidade cultural “América enferma” (Chiampi, 1980, p. 111).

Nesse período histórico, esse discurso sobre a América Latina caracterizam dois atributos, a latinidade e a mestiçagem, como as duas qualidades que explicariam o atraso desse continente. Há, portanto, uma absorção do discurso racista que explica a diferença entre o Sul e o Norte enquanto produto das diferenças biológicas. Então, a preguiça, o misticismo, e a hostilidade ao modo de vida do capitalismo racional ocidental foram vinculados a questão da latinidade e da mestiçagem. São as características herdadas biologicamente dos mestiços e as determinadas pelo meio social que são consideradas as causas dessa doença social que, por sua vez, impediria o pleno desenvolvimento das instituições democráticas.

A superação desse nível de desenvolvimento econômico-social somente seria possível através de um processo branqueamento literal mediado pela imigração ou, segundo a autora, um tipo de branqueamento ideológico através da importação do pensamento positivista. Na virada do século XIX para o século XX esse paradigma interpretativo da América Latina, que se fundamentava em uma visão pessimista das peculiaridades do ser latino-americano, sofre mudanças importantes com a emergência de autores como José Martí e Justo Sierra, que propõem superar esse discurso que identificava o atraso da América Latina com a mestiçagem e latinidade. Sendo assim, Chiampi (1980), analisa essas vicissitudes do discurso americanista,

Visto em conjunto, o discurso americanista deste século se caracteriza pelo esforço sistemático de (re)construir a imagem eufórica da América. Seu método prospectivo se apóia, fundamentalmente, na crítica aos preconceitos que nutriam a ideologia da “inferioridade natural” dos povos sulistas, para reabilitar o conceito da América como reserva dos ideais humanitários da cultura ocidental. Esse movimento que vai da aceitação irrestrita de uma condição histórica, para o retorno à qualificação utópica do Descobrimento (ou melhor, da “invenção”) da América, mostra, por um lado, o paradoxo que tem regido os anseios americanistas de promover a descolonização cultural.

Mas, sua outra face significa que, nessa busca agônica e contraditória da identidade do “ser latino-americano”, o resultado é a, *consciência da diferença*, cuja função é estimular um projeto de superação da marginalidade histórica, imposta aos povos latino-americanos.(Chiampi, 1980, p.112).

Nesse processo de idas e vindas do discurso americanista se tem uma nova dimensão dessa trajetória com a publicação em 1900 do ensaio *Ariel*, escrito por José Enrique Rodó. Então, nessa obra há uma construção de uma imagem da América Latina na qual ela se torna uma síntese entre o saber racional e o sentimental que deveria prevalecer ante aos impulsos irracionais, da torpeza e da sensualidade, que se encontravam representados no antagonista de Ariel, *Calibán*. O objetivo desse ensaio era o de aliar em Ariel os ideais de beleza oriundos da antiguidade grega junto com o princípio cristão da solidariedade humana.

A importância desse ensaio de Rodó reside no fato de que a partir dele se desenvolve no discurso sobre a América Latina uma reabilitação das particularidades que caracterizam o continente latino-americano, especialmente, a questão da mestiçagem. Reabilitação essa que vai influenciar alguns romancistas do realismo mágico latino-americano como Alejo Carpentier e José Lezama Lima.

Segundo a autora, essa nova etapa de desenvolvimento do discurso sobre esse continente fundamenta-se em uma dupla crítica ao pensamento positivista. Em primeiro lugar, reelabora e redefine o lugar dos valores europeus dentro da tradição latino-americana e, ao mesmo tempo, tece críticas ao modelo “materialista” anglo-saxão, este segundo ponto reside na valorização dos elementos da cultura indígena para a construção desta identidade. Nessa quadra histórica Chiampi (1980) argumenta que as obras de Rodó, *Ariel*, e de José Vasconcelos, *La raza cósmica*, teriam sido as primeiras a apontar a mestiçagem como uma característica distintiva e positiva do ser latino-americano. Nesse sentido, a autora afirma,

Ao enaltecer a vocação ibérica para a mistura de sangues, critica Vasconcelos, seguindo a linhagem de *Ariel*, o modelo cultural anglo-saxônico e supõe um *compasso sinfônico* na formação ibero-americana, que resultará na conciliação das possibilidades geológicas, étnicas, culturais e estéticas do planeta. A América será o centro, não a periferia da História, o paradigma humanista que cumprirá o sonhado monismo cósmico de Vasconcelos. Suas

profecias preveem, inclusive, a excelência do trópico – para onde retornará a civilização, refeita finalmente dos estragos da decadência do ocidente [...] (Chiampi, 1980, p. 115).

Nesse sentido, essa reviravolta no discurso americanista, que começa com a obra de Rodó, fundamenta o posterior desenvolvimento do movimento que ficou conhecido como *realismo mágico*. Pois, foi a partir desse movimento histórico que se põe em relevo a questão da mestiçagem enquanto a característica mais singular e positiva da América Latina. A autora assim analisa esse movimento,

Não foi por um passe de mágica que os hispano-americanos viram na mestiçagem um fator positivo para a definição de sua cultura. O ideário antipositivista de refutação das teorias racistas, vigentes no fim do século XIX, teve um degrau necessário na corrente indigenista que se fortalece a partir dos anos dez. Com efeito, toda projeção eufórica do mestiço passa pela reabilitação dos seus componentes raciais: se a mistura de sangue se torna aceitável para o branco, é porque o negro e o índio adquirem *status* de humanidade e as suas culturas começam a ser repensadas dentro dos novos enfoques da História (Chiampi, 1980, p. 116).

Mais adiante a autora continua,

À influência das teses spenglerianas devem-se somar os progressos das investigações arqueológicas e etnológicas de Lévi-Bruhl, Frazer e Lang sobre as sociedades ditas primitivas. A descoberta de portentosas ruínas na costa andina e no planalto mexicano estimularam o reexame da América pré-colombiana e a opinião de que a colonização espanhola representava uma cisão desastrosa na história americana. Mais do que o negro, cuja valorização se desencadeia na década de trinta, o *ab-origene*, como era então chamado, foi um motor à rebelião antieuropeia e antiespanhola que faria dele ora um *objeto estético* (um modelo de pureza, de força instintiva, de comunhão com a natureza), ora um objeto *social e político*, nas versões quéchua e náhua do marxismo (Chiampi, 1980, p. 116).

Então, essa superação das teses racialistas, que impunha ao discurso americanista uma visão negativa das peculiaridades do ser latino-americano em contraposição as formas de sociabilidade que se desenvolveram com o modo de produção capitalista, tiveram uma significativa importância para o surgimento do *realismo mágico* da América Latina. Além de colocar no centro da narrativa hispano-americana a importância do mestiço para a construção da identidade desse continente e que vai ser central também na representação da identidade latino-americana na obra de Gabo, *Cem Anos de Solidão*.

2. América Latina e sua mestiçagem cultural.

Para Chiampi (1980) a geração posterior a Rodó, que sofreu forte influência tanto do pensamento de Ortega y Gasset quanto do pensamento filosófico de José Gaos, põe em primeiro plano a mestiçagem enquanto o verdadeiro critério diferenciador que caracterizaria o verdadeiro ser latino-americano. A autora assim escreve,

[...] O enfoque sistemático da linguagem e do comportamento mestiços que manifestam a hipocrisia, o cinismo, a dissimulação, os explica como produto da exploração e humilhação da América pelos colonizadores de todos os tempos. A indagação sobre o caráter nacional – a mexicanidade, a argentinidade, a chilenidade, etc. - está na raiz da etapa de consciência crítica da realidade americana, que evolui para um conceito positivo da mestiçagem como signo da cultura americana. O desejo de descolonizar essa cultura informa o trabalho intelectual de grandes ensaístas, como Fernando Ortiz, Alfonso Reyes, Mariano Picón Salas, Alejo Carpentier, Octavio Paz, Leopoldo Zea, Arturo Uslar-Pietri e José Lezama Lima (Chiampi, 1980, 123).

O discurso ideológico que predominou neste período histórico consistiu em sustentar uma essência diferenciadora dos latino-americanos que reside justamente na mestiçagem, assim como, é nesta mestiçagem que se deposita a possibilidade do surgimento de um bloco cultural – que é ao mesmo tempo uno e diverso.

Essa crítica ao pensamento e ao modo de vida europeu o qual vinculam-se os conceitos iluministas de razão, progresso e civilização, encontra-se relacionado a um importante

acontecimento traumático da história: a Primeira Guerra Mundial. Então, aquelas teses racistas, que num certo momento influenciaram o discurso americanista, perdem sua força com o advento desse conflito bélico. Nesse sentido, Vieira (2012), escreve,

A ideia operante e amplamente difundida entre a intelectualidade latino-americana dentro e fora do continente, como assegura Funes, era aquela defendida por José Ingenieros: se os bárbaros europeus haviam se suicidado em uma guerra, o caráter de “civilização” poderia ser revisado, inclusive, invertido. Assim, voltava à pauta dos assuntos europeus e hispano-americanos a “juventude” da América Latina ante a “velha” Europa, desgastada e corroída pela guerra. O antieuropeísmo foi uma identificação geracional muito forte entre pensadores, ensaístas, intelectuais e artistas latino-americanos. Em outras palavras, se o Ocidente era decadente, a América rejuvenescia e prometia. Obviamente, essas ideias não passaram impunemente por Carpentier (Vieira, 2012, pp. 43-44).

Portanto, segundo o autor, com a explosão desse primeiro conflito de escala mundial, produziu-se uma crítica, como já foi por nós apontada, daqueles ideais que emergiram junto com o pensamento iluminista e com o modo de produção capitalista. Ao mesmo tempo, fez com que muitos intelectuais buscassem refúgio no exotismo da América Latina e no orientalismo. Essa crise da sociabilidade europeia/burguesa produziu um profundo impacto não somente para os romancistas da América Latina, como Alejo Carpentier e Gabo, mas também vários romancistas como Herman Hesse, com *Sidharta*, D.H Lawrence, com *A serpente emplumada*, dentro outros. Dessa maneira, esse recrudescimento do discurso valorativo da *mestiçagem* e da *latinidade* também se encontra inserido nesse movimento mais global.

Ainda segundo Vieira, outro acontecimento político teria concorrido para houvesse e se desenvolvesse uma ampla discussão entre intelectuais latino-americanos sobre a identidade da América Latina. Trata-se da Revolução Cubana, a qual teria engendrado uma série de debates, congressos, e simpósios sobre as possibilidades abertas pela Revolução Cubana em direção a uma independência política, social e econômica de fato. E toda essa efervescência política e cultural também teria influenciado os autores do realismo mágico no sentido dessa

construção da identidade desse continente em contraposição ao continente europeu e à América anglo-saxã. O autor assim analisa o papel de Gabo nessa conjuntura histórica,

Herdeiro dessas discussões suscitadas a partir da década de 1960, García Márquez deixaria transparecer em seus textos e discursos o engajamento político tão caro aos escritores da época. O resgate do golpe militar que derrubou o presidente Salvador Allende no Chile em 1973, ou a denúncia dos desaparecimentos políticos da ditadura Argentina vigente no país desde 1976 cumprem no discurso de aceitação do Prêmio Nobel uma função: dar significado ao continente latino-americano. Em outras palavras, falar sobre essa realidade histórica é fundamental para entender aquilo que é a América Latina e porque somos assim, um continente tomado pela violência e pela solidão (Vieira, 1980, p.71).

Nesse sentido, é correta a afirmação do autor com relação ao impulso que a Revolução cubana provocou nos intelectuais latino-americanos, especialmente em relação aos romancistas no sentido de produzir romances nos quais a questão da identidade latino-americana estivesse em destaque. Porém, afirmar que Gabo teria deixado transparecer em seus textos, nos referimos aos estritamente literários, seus posicionamentos políticos nos parece ser uma afirmação muito exagerada pois na trajetória literária de Gabo não há uma postura panfletária em defesa dos ideais comunistas ou da Revolução Cubana – como o autor parece afirmar sobre esse romancista.

Dessa forma, a centralidade da mestiçagem e do caráter heteróclito da cultura que se desenvolve com o realismo mágico encontra um duplo fundamento: a crise que emergiu com a eclosão da Primeira Guerra Mundial e com a explosão da Revolução Cubana.

É através da confluência entre os colonizadores ibéricos, os povos ameríndios e os negros que foram escravizados que constituem esse caldo cultural heterogêneo, e que caracteriza, segundo os autores realistas mágicos, o continente latino-americano. Chiampi (1980), assim analisa esse processo histórico,

Conquanto difiram os objetivos e o terreno de sua discussão, a ideia predominante em suas análises pe de que a mestiçagem é o verdadeiro critério para postular uma diferença latino-americana, como relação aos modelos europeu e norte-americano, como é também o critério para configurar um bloco cultural, diversificado por variedades regionais, mas homogeneizado pela receptividade às influências. Segundo suas teses, os sucessivos cruzamentos raciais, efetuados nesta América, provocaram na linguagem e nas práticas religiosas, nos modos de vestir e de habitar, nas técnicas e na imaginação, uma capacidade de combinação e de estilização deformadora dos modelos originários. Logo se vê até que ponto o fenômeno da mestiçagem. Enquanto padrão diferenciador funciona como suporte da reivindicação de uma identidade para o homem latino-americano no contexto ocidental (Chiampi, 1980, p. 124).

Dessa maneira, os discursos nos quais enaltecem a mestiçagem, e questionam as análises positivistas de inferioridade do continente latino-americano, construíam uma renovada concepção que se ampara na dimensão legítima e original desse continente reverberando-se no campo da produção artística, em especial da literatura. Portanto, ao postular a anormalidade e a deformação, como elementos positivos da tradição cultural latino-americana, esses autores apontam na direção dessa natureza antropofágica como elemento central da cultura desse continente. Dada essa incorporação de elementos heteróclitos, oriunda da síntese de elementos culturais diversos, possibilitando a (de)formação e renovação de formas artísticas pretéritas, o questionamento das normas dos modelos artísticos forâneos e do realismo, valoriza-se, assim, a hibridização de modelos que são diferentes entre si, elementos que conferem à cultura latino-americana sua singular contribuição à cultura universal.

Então, pode-se apontar a obra *O reino deste mundo*, de Alejo Carpentier, como a primeira obra que tenta sistematizar a lógica do *realismo mágico*. É no prólogo desse romance que Carpentier acaba por expor muitas das características centrais dessa tradição literária. Nesse sentido, Carpentier aponta sucintamente para duas fundamentações de uma arte maravilhosa. A primeira delas, na qual podemos dar o exemplo da tradição *surrealista*, desenvolve-se enquanto uma arte de natureza maravilhosa mas que se fundamenta em uma criação estética

centrada na deformação do real a partir exclusivamente da subjetividade criativa de determinado artista, ou seja, a obra de arte maravilhosa seria o resultado de uma postura estética puramente subjetiva sem uma relação direta com a realidade objetiva. Dessa maneira, compreende-se a importância que os postulados da psicanálise, como o inconsciente, adquiriram em relação ao *surrealismo*.

Contrariamente a propositura do *surrealismo* em deformar as determinações da realidade objetiva de forma puramente subjetiva, o *realismo mágico* para Carpentier e também para Gabo não se constitui através dessa relação objetividade e subjetividade mas sim por postular a existência de elementos mágicos na própria realidade objetiva, assim sendo, ontologicamente o continente latino-americano possui características mágicas. É da confluência de dos diferentes povos que constituem esse continente que emerge e se desenvolve essa miraculosidade. Carpentier (2011), assim escreve sobre essa relação,

[...] Porque será mister advertir que o relato que se irá ler se estabeleceu a partir de uma documentação extremamente rigorosa que não só respeita a verdade histórica dos acontecimentos, os nomes das personagens — inclusive das secundárias —, de lugares e até de ruas, como também oculta sob a sua aparente intemporalidade, um minucioso cotejar de datas e de cronologias. E no entanto, dada a dramática singularidade dos acontecimentos, o fantástico garbo das personagens que se encontraram, em determinado momento, na encruzilhada mágica da Cidade do Cabo, tudo resulta maravilhoso, numa história impossível de se situar na Europa e que, no entanto, é tão real, como qualquer sucesso exemplar dos consignados, para pedagógica instrução, nos manuais escolares. Mas que será toda a história da América senão uma crônica do real-maravilhoso? (Carpentier, 2011, p. 17).

E Gabo assim analisa a lógica do realismo mágico,

Eu me atrevo a pensar que esta é a realidade descomunal, e não só a sua expressão literária, que este ano mereceu a atenção da Academia Sueca de Letras. Uma realidade que não é a do papel, mas que vive conosco e determina cada instante de nossas incontáveis mortes cotidianas, e que

sustenta um manancial de criação insaciável, pleno de desdita e de beleza, e do qual este colombiano errante e nostálgico não passa de uma cifra assinalada pela sorte. Poetas e mendigos, músicos e profetas, guerreiros e malandros, todos nós, criaturas daquela realidade desaforada, tivemos que pedir muito pouco à imaginação, porque para nós o maior desafio foi a insuficiência dos recursos convencionais para tornar nossa vida acreditável. Este é, amigos, o nó da nossa solidão (Márquez, 2012, p. 10).

As tradições religiosas das três matrizes étnicas que compuseram o continente latino-americano, o catolicismo ibérico, as religiões ameríndias e a religiosidade africana emprestaram a esse continente essa dimensão miraculosa em contraposição à racionalidade que impera tanto na Europa quanto nos E.U.A. Nesse ponto, a preservação dos elementos mágicos da tradição católica é de fundamental importância para compreendermos a forma como a realidade desse continente seria envolto dessa atmosfera miraculosa.

Para uma adequada análise desse processo devemos analisar os caminhos opostos pelos quais o protestantismo e o catolicismo passaram no período da reforma protestante. A análise do protestantismo realizada por Max Weber sobre a questão do processo de *desmagificação* que ocorreu nas seitas protestantes e, por sua vez, a permanência do caráter mágico no catolicismo, pode ser um dos principais elementos que podem explicar o surgimento dessa realidade mágica na América Latina. Max Weber (2007) assim analisa esse processo,

[...] E, por fim, nenhum Deus: pois mesmo Cristo só morreu pelos eleitos, aos quais Deus havia decidido desde a eternidade dedicar sua morte sacrificial. [Isto: a supressão absoluta da salvação eclesiástico-*sacramental* (que no luteranismo de modo algum havia se consumado em todas as suas consequências) era o absolutamente decisivo em face do catolicismo. Aquele grande processo histórico-religioso do *desencantamento* do mundo que teve início com as profecias do judaísmo antigo e, em conjunto com o pensamento científico helênico, repudiava como superstição e sacrilégio todos os meios mágicos de busca da salvação, encontrou aqui sua conclusão. O puritano genuíno ia ao ponto de condenar até mesmo todo vestígio de cerimônias religiosas fúnebres e enterrava os seus sem canto nem música, só para não

dar trela ao aparecimento da *superstition*, isto é, da confiança em efeitos salvíficos a maneira magico-sacramental (Weber, 2007, pp. 95-96).

O puritanismo ascético protestante, segundo Nascimento (2008), rompe com quatro elementos constitutivos do catolicismo, elementos esses diretamente relacionados ao processo de *desmagificação* do mundo. O primeiro deles relaciona-se ao fato de que não havia mais a necessidade de mediação de uma estrutura de clérigos para se interpretar a palavra de Deus, cabendo a cada indivíduo em particular interpretar a palavra divina e encontrar o seu caminho o qual deveria seguir em sua vida. O segundo ponto vincula-se a impossibilidade de qualquer sacramento operar para a salvação e a expiação do crente, o terceiro refere-se na atitude de se questionar o próprio poder da Igreja enquanto uma instituição mediadora entre os crentes e Deus. O quarto ponto é assim analisado por Nascimento (2008),

[...] o puritanismo ascético deu mostra do seu alto grau de exigência e racionalização ao impor limites à própria ação salvífica do Deus-Filho: toda ação salvífica do Deus-Encarnado foi direcionada aos eleitos. Com isso o puritanismo ascético era consequente com sua doutrina, racionalmente construída, de que se o mérito humano ou a culpa humana fossem determinantes para fixar o destino salvífico do crente, então as decisões de Deus não eram absolutamente livres e nem estabelecidas desde a eternidade, mas antes eram passíveis de alteração pelo mérito das obras humanas, “ideia impossível” (Weber, 2004, pg.94), para um puritano ascético (Nascimento, 2008, p. 211).

Mais adiante o autor continua,

Observamos que, segundo Weber, as religiões mágicas visavam em termos gerais o alívio do sofrimento do indivíduo enquanto indivíduo independente de sua condição étnica. Os magos foram os portadores das condições religiosas e sociais para o indivíduo experimentar o alívio da culpa e do sofrimento, enquanto indivíduo. Logo, nas religiões mágicas, a superação do sofrimento e da culpa estava radicalmente apoiada na obediência e no seguimento estrito dos mandamentos rituais os quais estavam por sua vez

estruturados, basicamente, em fórmulas mágicas e celebrações rituais (pureza ritual). (Nascimento, 2008 p. 215).

A preservação de instrumentos mágicos-sacramentais pelo catolicismo através da Igreja, dos clérigos e dos Santos católicos preservou a possibilidade de que se desenvolvesse na América Latina uma realidade cultural na qual os elementos mágicos persistissem nessa realidade. Ou seja, foi possível tendo por base o catolicismo ibérico o surgimento do sincretismo religioso, fenômeno social que se caracteriza pela adoração das divindades, especialmente africanas, mediada pelo culto aos Santos católicos; dessa maneira, ao se cultuar as divindades europeias os negros escravizados cultuavam suas próprias divindades. Portanto, as particularidades do catolicismo abriram margem para a permanência de elementos mágicos que operam na própria realidade cotidiana desse continente.

Logo, esse é o ambiente cultural que se constituiu com o processo de colonização do continente latino-americano e que permitiu ou serviu como matéria-prima para a constituição do realismo mágico na literatura da América Latina. Porém, percebemos que em *Cem Anos de Solidão* além dessa atmosfera cultural mágica oriunda da onipresença dos elementos religiosos, também é possível observar que o caráter miraculoso seria consequência dos diferentes níveis de desenvolvimento econômico os quais se estabeleceram com o capitalismo dependente nesse continente.

Nesse sentido, muitos dos trechos *mágicos* os quais são narrados nessa obra adquirem sua natureza miraculosa como consequência de uma contradição entre os diferentes modos de produção que coexistem no continente latino-americano. Então, pode-se afirmar que o entrecruzamento entre diferentes culturas e os diferentes níveis de desenvolvimento econômico e social proporcionam a existência dessa atmosfera mágica. Nesse sentido, Chiampi (1980), afirma,

Os exemplos da conversão do maravilhoso em real e vice-versa poderia multiplicar-se em obras de Asturias, Carpentier, J. M. Arguedas, Rosa Rastos, Vargas Llosa, e Onetti. Mas é, sem dúvida, Garcia Márquez quem explora à sociedade a não antinomia dos planos real e maravilhoso, exagerando o efeito discursivo do encantamento no leitor. Em *Cien años de soledad* (1967), o narrador não só inverte a relação pragmática do leitor com a realidade. No

primeiro caso, figuram os acontecimentos prodigiosos, narrados com dados realistas: a ascensão de Remedios la Bella, a volatização do armênio na feira, a levitação do padre Reyna, as diversas ressurreições de mortos, a personificação da morte, etc., etc. Nestes episódios, os personagens participantes jamais se assombram ou padecem dúvidas; ao contrário, os tomam por triviais, destituídos de mistérios. No segundo caso estão os fatos ou objetos reais, como o gelo, a redondez da terra, a bússola, a fotografia, o ímã, a pianola de Pietro Crespi, a dentadura de Melquíades, diante dos quais os personagens ficam atemorizados, desconcertados ou fascinados (Chiampi, 1980, p. 66).

Então, a estrutura narrativa de *Cem Anos de Solidão* caracteriza-se sobremaneira pela não contradição entre os elementos miraculosos e os elementos da realidade objetiva, tanto a da realidade natural quanto a da realidade social. Pode-se, portanto, argumentar que essa unidade entre *magia* e *causalidade* é o fundamento dessa identidade latino-americana figurada literariamente por Gabo.

3. A América Latina de Gabo: um continente síntese

Antes de adentrarmos na análise propriamente dita dessa obra de Gabo, devemos salientar que temos plena consciência que a realidade da América Latina possui inúmeras singularidades: a história da Argentina é diferente da brasileira, que, por sua vez, se difere da mexicana, porém há muitos elementos em comum que nos permite apontar alguns elementos em comum que caracterizariam o continente latino-americano.

Para começarmos a análise do romance que é o objeto desse artigo deve-se ser salientado nesse primeiro momento o fato de que a própria construção de Macondo se explica pela confluência de duas situações de natureza mágica. A primeira delas se relaciona a um mito no qual os casamentos entre parentes teria como consequência o nascimento de um filho ou filha com rabo de porco. Como consequência, Úrsula Iguáran que era prima de seu esposo, José Arcádio Buendía, mesmo depois de casada se recusada a ter relações sexuais com seu marido justamente por causa desse medo que se fundamenta em uma lógica totalmente irracionalista.

A notícia que Úrsula apesar de já casada com José Arcádio Buendía começa a se espalhar pelo povoado de Riohacha, cidade na qual os dois viviam antes da fundação de Macondo. Durante alguns meses o patriarca de Macondo sofreu com essa fofoca até o dia em que em um rinha de galos, ao vencer um duelo com Prudêncio Aguilar, este profere um insulto na presença de todos contra José Arcádio: “- Meus cumprimentos – gritou – Vamos ver se enfim esse galo faz um favor à sua mulher” (Márquez, 2012).

Com essa ofensa à honra de José Arcádio, ele decide de uma vez por todas colocar um fim a essa humilhação. Ele resolve então desafiar para um duelo de vida ou morte Prudêncio Aguilar. Desse duelo Aguilar acaba sendo assassinado por José e o fantasma daquele passa a atormentar tanto a vida do casal que ambas decidem fugir de Riohacha com alguns outros moradores dessa pequena cidade. Portanto, a gênese da cidade de Macondo remota a um recomeço, a um empreendimento posto por José Arcádio e que desde sempre o universo literário de *Cem anos de solidão* é permeado por elementos mágicos que coexistem com elementos realistas. Em um primeiro momento devemos chamar a atenção para o fato de a construção de Macondo ter sido fundada sob o signo da igualdade social. Então, no início do desenvolvimento da aldeia Gabo ressalta que as relações sociais em Macondo se pautavam pela harmonia social e pela cooperação. Outro ponto importante se relaciona com o fato de que essa aldeia durante um significativo período de tempo esteve isolada do restante do mundo e esse isolamento somente vai ser modificado pelos processos de modernização pelas quais Macondo passa.

Como afirmamos acima o isolamento geográfico somente será superado com os diferentes processos de modernização, mas o isolamento cultural de Macondo sofre um forte abalo com a chegada da famigerada tribo de ciganos no qual o mais importante de todos no decorrer da narrativa é o cigano Melquíades. Gabo, narra assim esse primeiro encontro entre culturas diferentes,

Desde os tempos da fundação, José Arcádio Buendía construía alçapões e gaiolas. Em pouco tempo encheu de corrupiões, canários, azulões e tiês-sangue não só a própria casa, mas todas da aldeia. O concerto de tantos pássaros diferentes chegou a ser tão atordoante que Úrsula tapou os ouvidos com cera de abelha para não perder o senso de realidade. A primeira vez que a tribo de Melquíades chegou vendendo bolas de vidro para dor de cabeça,

todo mundo se surpreendeu que eles tivessem conseguido encontrar aquela aldeia perdida no marasmo do pantanal, e os ciganos confessaram que tinham se orientado pelo canto dos pássaros (Márquez, 2012, pg.51).

Então, essa relação entre a família Buendía e a tribo cigana marca dentro da narrativa de Gabo o primeiro momento em que a aldeia de Macondo travam relações sociais com grupamentos sociais estrangeiros, o que vai ocasionar a gênese do processo de miscigenação cultural, marca característica do continente latino-americano tal como já foi por nós apontado. Porém, mais do que proporcionar esse enriquecedor processo de interação cultural a tribo cigana de Melquíades se caracteriza por uma outra qualidade central na estrutura do romance que é a de carregar em sua essência elementos mágicos. Gabo (2012), assim escreve,

Todos os anos, lá pelo mês de março, uma família de ciganos esfarrapados plantava sua tenda perto da aldeia e com grande alvoroço de apitos e tímbalos mostrava as novas invenções. Primeiro levaram o ímã. Um cigano corpulento, de barba indomada e mãos de pardal, que se apresentou com o nome de Melquíades, fez uma truculenta demonstração pública do que ele mesmo chamava de oitava maravilha dos sábios alquimistas da Macedônia. Foi de casa em casa arrastando dois lingotes metálicos e todo mundo se espantou ao ver que os caldeirões, as caçarolas, os alicates e os fogareiros caíam de onde estavam, e as madeiras rangiam por causa do desespero dos pregos e parafusos tentando se soltar, e até mesmo os objetos perdidos há muito tempo apareciam onde mais tinham sido procurados e se arrastavam em debandada turbulenta atrás dos ferros mágicos de Melquíades [...]. José Arcádio Buendía, cuja desaforada imaginação ia sempre mais longe que o engenho da natureza, e muito além do milagre e da magia, pensou que era possível servir-se daquela invenção inútil para desentranhar ouro da terra. Melquíades, que era um homem honrado, avisou: “Para isso, não serve” (Márquez, 2012, pg.43).

Melquíades e sua tribo de ciganos têm uma importância central na narrativa de Gabo e isso por algumas razões: além de ser o primeiro grupamento humano que entra em contato com a aldeia até então isolada de Macondo, como já afirmamos, são os ciganos que trazem algumas

novidades até então desconhecidas pelos moradores da aldeia e, por outro lado, é o personagem de Melquíades que escreve de forma antecipada o pergaminho em que se encontra escrito toda a trajetória da família Buendía em 100 anos.

Porém, a criatividade literária de Gabo põe no romance um aspecto bem interessante. As novidades “tecnológicas” trazidas por Melquíades geralmente são invenções muito triviais, prosaicas, como, por exemplo, o gelo! Dessa forma, Gabo opera uma interessante inversão pois essas novas “tecnologias” que são levadas por Melquíades há muito tempo fazem parte da vida cotidiana da maioria da humanidade; mas para os habitantes de Macondo são objetos que produzem um imenso impacto para eles. Já os acontecimentos mais miraculosos e que desafiam a lógica da própria natureza são tomados por eles como algo que pertence a sua própria realidade.

E nesse sentido defendemos a tese de que Melquíades ao levar à aldeia essas descobertas, ele também leva outros tipos de ensinamentos que não apresentam nenhuma utilidade prática mas que enriquecem culturalmente os habitantes de Macondo, ou seja, Melquíades é figurado literariamente como um sábio, alguém que por sua experiência tem algo a dizer, a ensinar aos outros. É nesse sentido que na nossa tese⁴ apontamos para o fato de que esse personagem pode ser considerado como uma espécie de autoconsciência da humanidade.

Dessa forma, não seria exagero afirmar que a figura de Melquíades adquire a forma de uma autoconsciência da humanidade na qual tanto o tempo como o espaço adquirem uma conotação mágica. Utilizando desse artifício estético Gabo consegue representar no livro alguns inventos e algumas lendas da humanidade sem a necessidade da figuração desses mesmos períodos históricos. O tempo e o espaço estão condensados em Melquíades, ou melhor, a lógica causal e secular como nós experimentamos o tempo e o espaço encontram-se suspensos nesse personagem. Com é possível viajar pelos mais diferentes espaços e pelas mais variadas temporalidades históricas, o que permite aos habitantes de Macondo o acesso às descobertas de toda a história da humanidade (MIYAMOTO, 2019, p. 93).

⁴ Para uma discussão mais detalhada ver: *“A representação da realidade no romance mágico latino-americano”* (Miyamoto, 2019).

Chiampi (1980) aponta para essa característica do realismo mágico como um todo, porém chama nossa atenção para o fato de que Gabo explora esse artifício de forma exaustiva,

Os exemplos da conversão do maravilhoso em real e vice-versa multiplicar-se em obras de Asturias, Carpentier, J. M. Arguedas, Roa Rastos, Vargas Llosa e Onetti. Mas é, sem dúvida, Garcia Márquez quem explora à saciedade a não antinomia dos planos real maravilhoso, exagerando o efeito discursivo do encantamento do leitor. Em *Cien años de soledad* (1967), o narrador não só inverte essa relação pragmática do leitor com a maravilha, como também inverte essa relação com a realidade. No primeiro caso, figuram os acontecimentos prodigiosos, narrados com dados realistas: a ascensão de Remedios la Bella, a volatização do armênio na feira, a levitação do padre Reyna, as diversas ressurreições de mortos, a personificação da morte, etc., etc. Nestes episódios, os personagens participantes se assombram ou padecem dúvidas; ao contrário, os tomam por triviais, destituídos de mistérios. No segundo caso estão os fatos ou objetos reais, como o gelo, a redondez da terra, a bússola, a fotografia, o ímã, a pianola de Pietro Crespi, a dentadura de Melquíades, diante dos quais os personagens ficam atemorizados, desconcertados ou fascinados (Chiampi, 1980, p. 66).

Portanto, nesse sentido, Melquíades carrega de forma bastante intensa e condensada os elementos mágicos que caracterizam a realidade representada em Macondo. Ele também é o responsável por levar à aldeia o conhecimento acumulado de toda a história da humanidade, tanto no que se refere às tecnologias quanto aos conhecimentos culturais, que, por sua vez, vão ser fundamentais para o crescimento de Macondo. Ou seja, Melquíades e sua tribo de ciganos sintetizam o que seria, grosso modo, a própria identidade da América Latina, que se fundamentaria em uma realidade ontologicamente mágica e na confluência de diversos povos diferentes produzindo nesse continente um complexo movimento de miscigenação cultural.

Nessa forma como Gabo figura a tribo cigana de Melquíades encontramos um contraponto à análise empreendida por Benjamin em seu ensaio *O narrador: Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov*. Nesse sentido, Benjamin (1996), argumenta que com o desenvolvimento da modernidade capitalista ocorreu um processo intenso da perda de um compartilhamento ou intercâmbio de experiências humanas. Segundo o autor,

Uma das causas desse fenômeno é óbvia: as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que se valor desapareça de todo. Basta olharmos um jornal para percebermos que seu nível está mais baixo que nunca, e que da noite para o dia não somente a imagem de mundo exterior mas também a do mundo ético sofreram transformações que antes não julgaríamos possíveis. Com a guerra mundial tornou-se manifesto um processo que continua até hoje. No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos dos campos de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiências comunicável. E o que se difundiu dez anos depois, na enxurrada de livros sobre a guerra, nada tinha em comum com uma experiência transmitida de boca em boca. Não havia nada de anormal nisso. Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadoras que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela guerra de material e a experiência ética pelos governantes. Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos se encontrou ao ar livre numa paisagem em que nada permanecera inalterado, exceto as nuvens, e debaixo delas, num campo de forças torrentes e explosões, o frágil e minúsculo corpo humano (Benjamin, 1996, p. 198).

Dessa maneira, Gabo subverte essa análise empreendida por Benjamin. Então, na construção estética de Gabo, Melquíades exerce uma função central na estrutura romanesca pois ele apresenta as duas características que já apontamos, assim como, ele é um personagem o qual ainda tem muito o que dizer e muito o que compartilhar para o enriquecimento com vistas ao desenvolvimento da aldeia, não só materialmente falando. Pois, aquilo que Melquíades e sua tribo levam de ensinamentos para Macondo não se vinculam diretamente a uma lógica estritamente utilitária/econômica, logo o processo de desenvolvimento ao qual nos referimos não se identifica com o desenvolvimento estritamente econômico da moderna sociedade burguesa. Então, sucintamente, Melquíades e seu grupo realizam uma ponte entre todo o conhecimento passado da humanidade e os habitantes de Macondo e isso sem nenhum tipo de cobrança por parte de Melquíades e seu grupo.

Afirmamos que o personagem Melquíades pode ser considerado uma espécie de autoconsciência da humanidade e sua tribo de ciganos, por sua vez, também trazem inventos da humanidade até então desconhecidas para os habitantes de Macondo. Acreditamos que essa escolha de Gabo não foi arbitrária pois pelo menos no imaginário os ciganos se caracterizam por uma vida nômade. A lógica da vida nômade permite que um determinado grupo social tenha contato com variados grupos distintos, dessa forma, se torna possível um enriquecimento de experiências humanas e que podem ser passadas para outros grupos diferentes, como ocorre na narrativa de Gabo.

Então, os ciganos dentro da narrativa de Gabo, grosso modo, possuem essa dupla importância: em primeiro lugar, eles carregam em si a experiência de toda a história da humanidade; e, por outro lado, é o primeiro grupamento humano que entra em contato com os habitantes de Macondo dando o pontapé inicial para a mestiçagem cultural que caracteriza o continente latino-americano. Importante ressaltar que os ciganos têm uma enorme tradição de hibridismo cultural aliada também a uma tradição milenar.

Outro ponto de suma importância para a compreensão da presente obra e que se vincula diretamente com a figuração da identidade latino-americana reside no fato de que a lógica do modo de vida dos ciganos não se caracteriza por uma radical separação entre racionalismo e irracionalismo, entre magia e causalidade. Isso significa que o período histórico o qual se encontra figurado em *Cem anos de solidão*, pelo menos nessa parte da narrativa, essa cisão radical, que atinge seu cume mais alto com o desenvolvimento do modo de produção capitalista, ainda não estava presente nesse momento histórico figurado por Gabo. É somente quando as relações capitalistas adentram em Macondo que essa unidade entre magia e realidade sofre um significativo abalo. Nesse sentido, um fato importante a ser exposto em nossa análise é que esse encontro cultural não causou convulsões sociais e nem foi capaz de engendrar em Macondo uma divisão entre classes sociais antagônicas.

Percebemos que a estrutura romanesca de *Cem anos de solidão* apresenta, grosso modo, uma divisão na estrutura romanesca na qual o desenvolvimento de Macondo até certo período histórico se baseou em um tipo de desenvolvimento social que não se encontrava fundamentada em uma lógica estritamente econômica, bem como, reiteramos a indissociabilidade entre magia e racionalidade. Gabo assim escreve,

A aldeia inteira estava convencida de que José Arcádio Buendía havia perdido o juízo, quando Melquíades chegou para pôr as coisas em ordem. Ele exaltou em público a inteligência daquele homem que através da pura especulação astronômica havia construído uma teoria já comprovada na prática, embora até então desconhecida em Macondo, e como prova de sua admiração deu a ele um presente que haveria de exercer uma influência decisiva no futuro da aldeia: um laboratório de alquimia. (Márquez, 2012, pg.47).

Em outro trecho do romance Gabo escreve,

Num povoado escaudado pela lembrança da experiência com os ciganos, não havia um bom porvir para aqueles equilibristas do comércio ambulante, que com a mesma ligeireza ofereciam uma panela associadora e uma receita de vida para a salvação da alma no sétimo dia – mas entre os que deixavam convencer por cansaço e os incautos de sempre, obtinham lucros estupendos. Em meio a essas criaturas de circo, com armação de aço, olhos de topázio e pele de galo fino, numa das tantas quartas-feiras chegou a Macondo e almoçou na casa o rechonchudo e sorridente Mr. Herbert [...]. Nos dias seguintes foi visto com um puçá e um cestinho caçando borboletas nos arredores do povoado. Na quarta-feira chegou um grupo de engenheiros, agrônomos, hidrólogos, topógrafos e agrimensores que durante várias semanas exploraram os mesmos lugares por onde Mr. Herbert caçava borboletas. Mais tarde chegou o senhor Jack Brown num vagão suplementar que engancharam na causa do trem amarelo, e que era todo laminado de prata, com poltronas de veludo episcopal e teto de vidros azuis. (Márquez, 2012, pgs. 264-265).

Portanto, através desses dois trechos do romance de Gabo podemos perceber a forma particular como o autor figura a realidade da América Latina em dois momentos históricos distintos. No primeiro trecho a influência exercida pela tribo cigana tinha como objetivos apenas um enriquecimento cultural, social, de conhecimento para os habitantes de Macondo. Não havendo nenhum tipo de interesse econômico por parte dos ciganos. Mais precisamente o intuito de Gabo, através do personagem Melquíades, é o de representar literariamente um

momento histórico no qual as relações humanas ainda não se encontravam orientadas pela lógica de uma racionalidade econômica, assim como, desse encontro intercultural não se desenvolve um tipo de relação mediada por quaisquer tipos de dominação.

Contraditoriamente, a representação do período histórico marcadamente *imperialista*⁵ em que uma empresa multinacional estadunidense se instaura em Macondo o processo de degradação social se acentua profundamente. Dessa maneira, o único objetivo da multinacional é a exploração econômica o que ocasiona o desenvolvimento de uma crescente miséria e segregação social. Nesse momento da narrativa é que emergem as duas classes sociais fundamentais que compõem o modo de produção capitalista: o proletariado e a burguesia.

O impacto que a companhia bananeira exerce em Macondo é tão grande que se desenvolve na cidade um processo literal de segregação socioeconômica bem semelhante aos que foram implementados tanto na África do Sul com o apartheid quanto o que ocorreu no sul dos EUA. Então, as relações sociais que anteriormente estavam fundadas em uma espécie de solidariedade vão perdendo cada vez mais espaço para as relações mercantis degradadas do modo de produção de capitalista. Porém, a forma como Gabo representa se diferencia sobremaneira com as experiências da África do Sul e dos EUA: se nesses países a segregação tinha uma natureza racial/econômica, em *Cem anos de solidão* Gabo aponta para o caráter eminentemente econômico como sendo o fundamento desse processo segregativo. Assim Gabo escreve,

Entre as amigas de Meme havia três jovens norte-americanas que romperam o cerco de galinheiro eletrificado e fizeram amizade com moças de Macondo. Uma delas era Patrícia Brown. Segundo, o senhor Brown abriu as portas de sua casa para Meme e convidou-a para os bailes dos sábados, que eram os únicos em que os gringos se misturavam com os nativos (Márquez, 2012, pg.310).

⁵ Para uma análise mais acurada do conceito de *imperialismo* ver a clássica obra de Lênin: *Imperialismo: fase superior do capitalismo*, disponível em < [O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo \(marxists.org\)](http://marxists.org)>.

Então, a presente obra figura literariamente variados momentos históricos da Colômbia que são, por sua vez, em maior ou menor medida representativos da própria história da América Latina, enquanto um continente que se desenvolveu tendo como fundamento a confluência de diversos povos que construíram nesse continente formações sociais que são marcadas pela mestiçagem. É claro que todo esse processo histórico foi pautado por uma extrema violência quer seja no processo colonial quer seja no período imperialista.

O caráter mágico desse continente, e que fundamenta um dos polos da figuração da identidade latino-americana, se dá muito em consequência dessa figuração estética de Gabo em representar diferentes temporalidades históricas dentro da narrativa de *Cem anos de solidão*. Apontamos anteriormente para a centralidade que o personagem Melquíades tem em toda a obra, mesmo quando ele morre de forma definitiva, se constrói como uma estratégia literária central pois a partir do caráter mágico dele foi possível que o autor pudesse representar de forma condensada períodos históricos distintos sem que exista a necessidade de figurá-los esteticamente. Os próprios conceitos de tempo e espaço tal como eles operam na própria realidade se encontram em suspenso nesse personagem. Nesse trecho do romance fica claro essa nossa afirmação:

Naquela altura, Melquíades tinha envelhecido com uma rapidez assombrosa. Em suas primeiras viagens parecia ter a mesma idade de José Arcádio Buendía. Mas, enquanto José Arcádio conservava sua força descomunal, que lhe permitia derrubar um cavalo agarrando-o pelas orelhas, o cigano parecia arruinado por um mal tenaz. Era, na verdade, o resultado de múltiplas e raras doenças contraídas em suas incontáveis viagens ao redor do mundo. Segundo ele mesmo contou a José Arcádio Buendía enquanto o ajudava a montar o laboratório, a morte o perseguia por todos os lugares, pisando seus calcanhares, mas sem se decidir a dar o golpe final. Era um fugitivo de todas as pragas e catástrofes que haviam flagelado o gênero humano. Sobreviver à pelagra na Pérsia, ao escorbuto no arquipélago da Malásia, à lepra em Alexandria, ao beribéri no Japão, à peste bubônica em Madagascar, ao terremoto da Sicília e a um naufrágio multitudinário no estreito de Magalhães. Aquele ser prodigioso, que dizia possuir o código de Nostradamus, era um ser lúgubre, envolto numa aura triste, com um olhar

asiático que parecia conhecer o outro lado das coisas. (Márquez, 2012, pg. 47).

Assim sendo, torna-se perceptível que a própria representação desse personagem permitiu a Gabo figurar esteticamente diferentes temporalidades, dando também um caráter mágico à obra, sem a necessidade de narrar cada um desses eventos históricos.

Paralelo a essa característica da identidade latino-americano, ou seja, essa dimensão mágica da realidade desse continente, emerge também nessa obra outro elemento que particulariza a realidade desse continente. Trata-se da solidão que aparece no próprio título do romance. A solidão, no entendimento corriqueiro, se vincula a uma questão ligada a um isolamento, a uma incomunicabilidade, a um fechamento em torno de si mesmo, ou seja, de uma perda de vínculo entre as pessoas, característica essa marcante da modernidade capitalista. Nesse sentido Lukács (2000, pg.34) aponta para essa qualidade que emerge com o desenvolvimento do modo de produção capitalista “Um verdadeiro despropósito para os gregos! O céu estrelado de Kant brilha agora somente na noite escura de puro conhecimento e não ilumina mais os caminhos de nenhum dos peregrinos solitários – e no Novo Mundo, ser homem significa ser solitário”.

Porém, essa interpretação corriqueira da expressão “solidão” nos parece um tanto quanto equivocada. Na análise do romance, e de outros textos do autor, percebemos que o significado dela se distancia do entendimento mais comum. Em seu discurso de agradecimento ao recebimento do prêmio Nobel de literatura em 1982, Gabo assim fala,

Pois se estas dificuldades nos deixam – nós, que somos das duas essências – atordoados, não é difícil entender que os talentos racionais deste lado do mundo, extasiados na contemplação de suas próprias culturas, tenham ficado sem um método válido para nos interpretar. É compreensível que insistam em nos medir com a mesma vara com que se medem, sem recordar que os estragos da vida não são iguais para todos, e que a busca da identidade própria é tão árdua e sangrenta para nós como foi para eles. A interpretação da nossa realidade a partir de esquemas alheios só contribuiu para tornar-nos cada vez mais desconhecidos, cada vez menos livres, cada vez mais solitários (Márquez, 2012, pg.10).

Interpretamos que a solidão a qual Gabo se refere e figura literariamente nesse obra apresenta uma estrita vinculação com a construção da identidade da América Latina. Então, acreditamos que a representação da identidade desse continente se encontra indissociável do significado que a *solidão* adquire dentro do romance de Gabo. A busca incessante pela construção da identidade dos latinos americanos, que ora privilegiou a mestiçagem ora creditou a ela a origem de nosso atraso, acaba sendo o significado para a *solidão* – e assim é representada nesse romance.

Com o discurso de agradecimento ao recebimento do prêmio Nobel percebemos que toda aquela discussão que empreendemos anteriormente nesse presente texto retorna de forma atualizada por Gabo. Dessa forma, os cem anos em que se passa a narrativa de Gabo, é por nós interpretada como uma odisseia em que o romancista narra a história da Colômbia, e da América Latina como um todo, em um longo processo histórico no qual os latinos americanos se encontram no movimento de tentativa de construção de uma identidade própria. E se o presente romance por nós aqui analisado tem um desfecho trágico, com Macondo e todos os habitantes varridos da face da Terra, foi a forma como Gabo encontrou para representar esteticamente a história da América Latina e não por ter uma visão de mundo pessimista sobre a história, pois como Gabo afirmou “[...] onde as estirpes condenadas a cem anos de solidão tenham, enfim e para sempre, uma segunda oportunidade sobre a terra.” (Márquez, 2012). É nesse sentido que interpretamos o romance de Gabo como uma espécie de odisseia da construção da identidade latino-americana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo buscamos analisar de que maneira Gabo representou a questão da construção da identidade da América Latina em sua obra literária mais aclamada e famosa, *Cem anos de solidão*. Para tanto, realizamos uma análise histórica acerca desse debate, tendo como base a obra de Chiampi (1980), que segundo a referida autora remonta a uma tradição histórica desde, por exemplo, a antiguidade grega. Nesse sentido, o processo de construção da identidade do continente latino-americano perpassou por diferentes interpretações muitas das vezes conflitantes entre si.

Houve, grosso modo, um movimento pendular em que em determinados momentos existiu uma tendência a considerar a mestiçagem como uma característica indenitária extremamente positiva em relação à Europa e aos EUA e em outros momentos esse movimento tendeu a enxergar de forma negativa essa mistura cultural/racial apontando que o atraso desse continente seria ocasionado por essa característica.

Essa mistura de diferentes culturas que deu origem a essa mestiçagem é o fundamento de um dos pontos centrais de nossa análise acerca da identidade desse continente que se refere a dimensão mágica a qual permeia a vida cotidiana dos seus habitantes. Portanto, a América Latina por ser um continente marcadamente heteróclito do ponto vista cultural, sendo um continente síntese entre os povos ibéricos, os originários e os povos negros que foram escravizados, deram origem a diferentes países em que esse elemento, o da magia, em maior ou menor grau, seria marca constitutiva destes.

Do ponto de vista da forma romance compreendemos que a presente obra se insere em uma tradição literária conhecida como romance histórico. Nesse sentido, não seria exagero afirmar que essa obra atualiza a forma clássica do *romance histórico* tal como foi analisada por Lukács (2011). Então, dado o espaçamento temporal da forma clássica desse tipo de romance, assim como as diferentes lutas sociais e políticas ocorridas na Europa e na América Latina, podemos perceber diferenças bastante importantes, como por exemplo, a questão como se encontra representado o conceito de *progresso*, o qual as burguesias da América Latina não mais são portadores de ideias, digamos, progressistas.

Dessa forma, adquire centralidade na figuração da identidade da América Latina o binômio magia/solidão enquanto elementos centrais desse processo. O caráter mágico dessa realidade tem importância central quando analisamos essa obra. A característica miraculosa do continente latino-americano é representado por Gabo como aquela dimensão identitária que nos separa das realidades tanto dos EUA quanto da Europa. Acreditamos que essa solidão a qual Gabo se refere e figura enquanto destino da família Buendía é na verdade uma busca em direção a construção de uma identidade latino-americana.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Editora Brasiliense: São Paulo, 1996.

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade: Ensaios de Teoria e História Literária.** Ouro sobre Azul: Rio de Janeiro, 2010.

CARPENTIER, Alejo. **O Reino deste mundo.** Editora Camões e Companhia: São Pedro, 2011.

CHIAMPI, I. **O Realismo Maravilhoso.** Editora Perspectiva: São Paulo, 1980.

LUKÀCS, G. **A Teoria do Romance.** Duas Cidades; Ed. 34 :São Paulo, 2000.

_____. **O Romance Histórico.** Boitempo Editorial: São Paulo, 2011.

MÁRQUEZ, G. G. **Cem Anos de Solidão.** Editora Record: Rio de Janeiro, 2012.

MIYAMOTO, H. S. A representação da Realidade no Romance Mágico Latino-Americano. A Representação da Realidade no Romance Mágico Latino-Americano. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal Da Bahia, Bahia, 2019.

SCHUMACHER, C. Especies naturales, leyes causales y conceptos mágicos: una aproximación a lo real maravilloso americano. Disponível em <http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1016-913X2012000100006> Acesso em 25 jan. 2021.